

CELULAR, FOTOGRAFIA E ESCOLA: (RE) INVENTANDO UM ESPAÇO DISCENTE DE CRIATIVIDADE?

Resumo: O presente texto apresenta parte de pesquisa de mestrado que teve como principal objeto de investigação o aparelho celular, tecnologia atualmente híbrida, presente bem como controversa em contexto escolar. Apresentando dados e resultados de parte da análise quali-quantitativa realizada com 309 estudantes e 12 professores da Rede de Ensino Municipal de Florianópolis (RME), com enfoque nos aspectos de uso de fotografias e vídeos assim como de ferramentas de edição e espaços de compartilhamento, verificou-se que as práticas fotográficas e videográficas com o celular existem nos ambientes escolares da RME, abrindo um diálogo acerca das possibilidades criativas e educativas advindas do uso do celular. Os resultados reiteram a necessidade de revisão da proibição e de uma normatização de seu uso dentro das escolas.

Palavras-chave: celular; escola; fotografia; vídeo; criatividade.

O texto apresentado por meio deste seminário é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada *Fotografias produzidas com celulares nas escolas: retrato de um novo ensino?* (ALLAIN, 2012) que indaga um possível novo espaço de criatividade pelo uso do celular dentro do ambiente escolar, levando em consideração não somente as incongruências referentes ao estatuto e uso deste aparelho em locais educacionais como também a exploração recente de seus recursos de fotografia e de vídeo.

A atividade fotográfica e videográfica para os estudantes e professores da RME

A pesquisa *Fotografias produzidas com celulares nas escolas: retrato de um novo ensino?* (ALLAIN, 2012) teve participação de trezentos e nove (309) estudantes de três escolas da RME (sete turmas de sétima série e sete turmas de oitava série, de faixa etária predominante de 13 a 15 anos), e de 12 professores das três escolas (faixa etária predominante de 30 a 59 anos), todos docentes destes anos de ensino. Os resultados da pesquisa referida apontaram que mais de noventa por cento (90,29%) dos estudantes participantes afirmavam possuir um celular bem como 100% dos professores. Mais de oitenta e cinco por cento (85,44%) dos estudantes afirmaram que seu celular possui câmera fotográfica e

oitenta por cento (81,55%), dispositivo de vídeo. Sessenta e seis por cento (66,66%) dos professores afirmaram possuir celular com dispositivo de captura fotográfica e cinquenta e oito com captura de vídeo (58,33%). Sobre o exercício de fotografia com o celular dentro do ambiente escolar, verificou-se que trinta e cinco por cento (35,92%) dos estudantes responderam que costumam fotografar com seus celulares dentro da escola e deste modo, constata-se que, apesar de noventa por cento dos estudantes possuírem celular, apenas um terço o usa para produzir fotografias na escola com seus aparelhos. Ressalta-se ainda que oitenta e oito por cento dos estudantes estão cientes da proibição de uso do celular na escola, mas mais de um terço (35,92%) usa o celular para tirar fotografias dentro do ambiente escolar. Tal observação permite refletir sobre a falta de eficiência da proibição do celular na escola, notadamente no que tange a um dos pontos mais potentes, controversos e inexplorados: o potencial didático-pedagógico e uma produção de fotografias e vídeos dentro da escola. Quando indagados sobre sua produção visual na escola, 25% dos professores afirmaram que tiravam fotografias com seu celular na escola, apesar de 66% dentre eles afirmarem possuir dispositivo de fotografia em seus celulares. Considera-se deste modo que os professores mesmos acabam usando o celular dentro do ambiente escolar, sendo eles também transgressores à proibição normativa de uso, além do fato de 41% afirmarem já tê-lo usado como ferramenta didática.

Buscando cercar o uso do dispositivo de vídeo dos celulares dentro da escola, verificou-se que dezoito por cento (19,42%) respondeu afirmativamente, que fazem vídeos na escola. Primeiramente, pode-se verificar que a quantidade de estudantes que fazem vídeo na escola é menor em relação à quantidade de estudantes que tiram fotos. Por outro lado, há uma diferença de apenas quatro pontos percentuais entre os estudantes que possuem câmera fotográfica e de vídeo. Considera-se, portanto, que os estudantes fotografam mais do que filmam na escola, apesar de a maioria dos estudantes possuir o recurso para ambas as atividades, mas não o usa na escola e, em relação ao vídeo, esta diferença é ainda maior. Dos professores participantes, apenas um professor afirmou que produz vídeos com seu celular na escola e portanto, apesar de a maioria deles

terem os dispositivos de produção de fotografias e de vídeos presentes no celular, o uso dessas funções pelos professores da RME participantes é reduzido, principalmente o de vídeo. Considera-se que tanto os professores quanto os estudantes usam menos os dispositivos de vídeo de seus celulares do que os de fotografia, sendo que os celulares estão, contudo, presentes nas escolas pesquisadas, caracterizando-se como um instrumento pedagógico potencial, de outras possíveis finalidades e usos.

Enquanto a pesquisa do IBGE (2008, p. 182) apontava que no Brasil 49% dos estudantes de 10 anos ou mais de idade possuíam celular, em 2008; que na região Sul, 61,6% dos estudantes possuíam celular (em Santa Catarina, 62,1%), a pesquisa *Fotografias produzidas com celulares nas escolas: retrato de um novo ensino?* (ALLAIN, 2012) aponta que mais de noventa por cento (90,29%) da amostra possuía celular em setembro de 2011. Verifica-se, deste modo, que o acesso a celulares por estudantes é maior em quase trinta pontos percentuais que na população de estudantes de mesma faixa etária recenseados em 2008, na região Sul do Brasil e no Estado de Santa Catarina, enquanto há uma diferença de mais de quarenta pontos percentuais quando comparado aos dados do mesmo grupo alvo na média brasileira. Os dados indicam um crescimento importante de acesso ao celular, especificamente na faixa etária pesquisada. Considera-se que tais diferenças podem ter origem em múltiplos fatores, como a redução do preço de custo de celulares, a maior renda *per capita* desta região (IBGE, 2008) além da síntese de ferramentas presentes no celular, como o acesso a redes sociais, à internet, fotografia, vídeo, fuso horário, calculadora, relógio, entre outros, ressaltando seu potencial de *intermedialidade* (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010, p.90).

Identificando o quê as fotografias que os estudantes tiram dentro da escola mais ilustram, sessenta e quatro por cento (64,72%) responderam à pergunta escolhendo, ao mínimo, uma das categorias listadas e demonstrando algum objeto de interesse nas fotografias tiradas com o celular dentro da escola. Nota-se que os questionários respondidos são proporcionais à quantidade de estudantes que afirma não tirar fotos na escola (60,52%), ou seja, reside neles uma contradição,

pois estudantes que afirmavam não tirar fotos apontaram, contudo, objetos de interesse nas fotografias feitas dentro da escola.

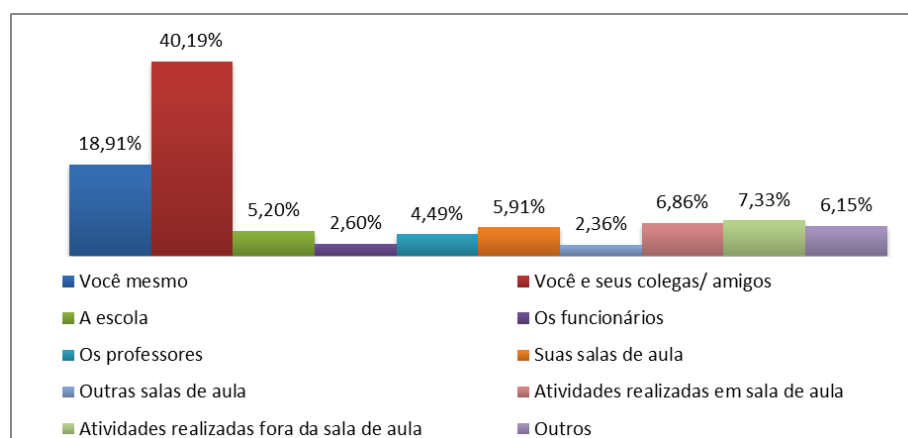


Fig. 1.1 Objetos de interesse das fotografias tiradas com celular por estudantes da RME dentro da escola

O objeto de interesse fotográfico mais apontado foi o próprio estudante e seus colegas e/ ou amigos, em segundo lugar os estudantes gostam de fotografar a si mesmos, em terceiro lugar de fotografar atividades da escola realizadas fora da sala de aula, seguido de atividades realizadas dentro da sala de aula (fig.1.1). Considera-se, deste modo, que a atividade fotográfica para os estudantes participantes é majoritariamente voltada para o retrato coletivo, do grupo de amigos com o próprio estudante, e para o retrato individual. O alvo do retrato é o seu próprio corpo e os corpos dos colegas.

Em consequência do número elevado de estudantes que identificaram algum objeto de interesse fotográfico na escola, considera-se que a atividade fotográfica faz parte dos recursos de produções de visualidades destes estudantes, tornando esta atividade fotográfica passível de investigação como objeto de conhecimento. Compreende-se “visualidades” como uma preocupação com aquilo que se mostra aparente, ao ver. Já o entendimento de “visibilidades”, como um exercício reflexivo através do olhar (OLIVEIRA, 2009, p. 127). Os estudantes participantes são produtores de imagens próprias e fazem parte desta “revolução atual de milhões de pessoas com renda média que podem se tornar

produtores de suas próprias imagens, de suas próprias mensagens” (SANTAELLA, 2005, p. 59), facilitadas pela portabilidade do celular, que amplia o alcance da imagem tornando-a onipresente na vida dos jovens. As TICs ampliam o alcance da imagem, conferindo-lhe posição estratégica na paisagem contemporânea (MARTINS; TOURINHO, 2010, p. 41), sendo que as crianças participam e vivenciam as influências, instabilidades e perturbações provocadas pela onipresença da imagem na vida cotidiana (MARTINS; TOURINHO, 2010, p. 42). Os objetos de interesse das fotografias tiradas com celulares dentro das três escolas pelos estudantes da RME, tanto de sétimas quanto de oitavas séries, apontam majoritariamente para uma prática fotográfica voltada à categoria de registro mnemônico, de imagens-atos de autoria. Eles focam o retrato, que abarca tanto os potenciais da fotografia como registro de memória: do retrato fotográfico como perpetuação da imagem e memória do indivíduo (KOSSOY, 2001, p.155), como do reflexo do mundo e do retrato coletivo, pois a imagem é o “reflexo concreto do mundo [...] inaugura os *mass media* visuais quando o retrato individual se converte em retrato coletivo” (FREUND, 1976, p. 96, tradução nossa). São imagens-atos, pois de sujeitos *em processo* (DUBOIS, 1994, p. 15) cujo gesto revela intenções, confissões, confrontos e estranhamentos, de autoria, considerando que na delimitação seletiva do ato fotográfico estão imbuídos os antitéticos “lembrar-esquecer, ou enquadrar-afastar” que imprimem no ato fotográfico uma marca perene, a de autoria, escolha, deliberação (COSTA & MAUTONE, 2009, p. 33). Autores conforme seus objetos de interesse fotográficos, os estudantes tornam-se produtores de inscrições no domínio da subjetividade (DIEHL & MARASCHIN, 2009, p. 63-64); escrevem com a câmera pois o olhar do fotógrafo é aquele de alguém que escreve com a câmera e, portanto, realiza um exercício de abstração, de considerações sobre o mundo (Achutti apud BIAZUS, 2006, p. 302-3), explorando o mundo, a si, e à própria fotografia, numa pluralidade estética, do “ao mesmo tempo” (SOULAGES, 2010, p. 259).

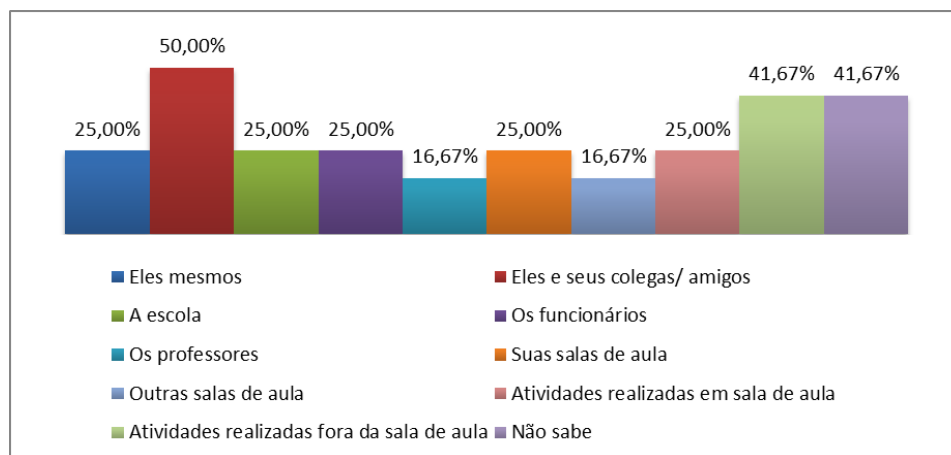


Fig. 1.2 Objetos de interesse das fotografias dos estudantes tiradas na escola segundo professores da RME

Quanto aos objetos de interesse dos alunos que tiram fotos na escola, 41,66% dos professores afirmaram não saber o quê seus alunos fotografam, apontando a falta de conhecimento ou de atenção de alguns professores sobre as motivações dos alunos para a fotografia, colocando-se em evidência que a quase totalidade dos professores afirma prestar atenção à presença do celular na escola (91,66%). Estes dados revelam falta de comunicação entre professores e suas preocupações ou constatações e os atos fotográficos dos estudantes. Um quarto dos professores aponta que os estudantes fotografam a si mesmos, depois que eles se fotografam com seus colegas, as atividades realizadas fora da sala de aula, a escola no geral, as salas de aula, outras salas de aula, os próprios professores, os funcionários da escola, as atividades realizadas em sala. A identificação destes objetos de interesse fotográfico reitera o enquadramento da atividade fotográfica dos estudantes com o celular dentro da escola como modos de registro mnemônico, imagens-atos e autoria, entre os estudantes e como seu espaço de ensino; bem como o interesse de usar a fotografia em atividades escolares, fora e dentro da sala de aula. Quase 60% dos professores estão cientes da recorrência de uso do dispositivo fotográfico dos celulares pelos estudantes, embora o aparelho seja proibido. Coloca-se em evidência que 65,71% do total de respostas dos professores sobre os objetos de interesse das fotografias dos estudantes tiradas na escola provêm de uma única escola e,

portanto, que certos professores prestam mais atenção aos objetos de interesse fotográfico com o celular dos estudantes, embora a maioria note a presença do aparelho em sua escola.

De modo a compreender as motivações que a fotografia e o vídeo trazem para os estudantes participantes e as convergências entre suas práticas e as postulações teóricas levantadas sobre as fotografias e os vídeos, foram-lhe perguntados quais são os fins de sua atividade fotográfica e de sua atividade videográfica. Destaca-se a identificação dos estudantes com o tema, devido à participação da grande maioria nas respostas à pergunta e, sobretudo pelo fato de haver, percentualmente, quase três motivações por estudante. Estes dados reiteram a necessidade de expressão das vivências pelas imagens, pois a importância dada pelos estudantes participantes aos recursos visuais que abrem frestas para refletir sobre suas identidades e contextos (MARTINS; TOURINHO, 2010, p. 52-3) mostrando querer, num mundo que não fazem, acrescentar algo que fazem (FREIRE, 1996, p. 32). Destaca-se, deste modo, que apesar de a atividade fotográfica ser mais comum do que a videográfica entre os estudantes dentro da escola, já que eles têm maior acesso a dispositivos fotográficos do que ao vídeo no celular, os estudantes demonstram grande interesse e identificam diversos fins no vídeo, praticamente tanto quanto os fins da atividade fotográfica. Considera-se, deste modo, que os resultados reiteram a identificação dos estudantes participantes com a fotografia digital e com o vídeo, de contínuo narrativo (SANTAELLA, 2005, p. 55) não apenas por seu acesso a recursos visuais nos celulares que dispensam mediações, mas por identificar fins nas atividades em si.

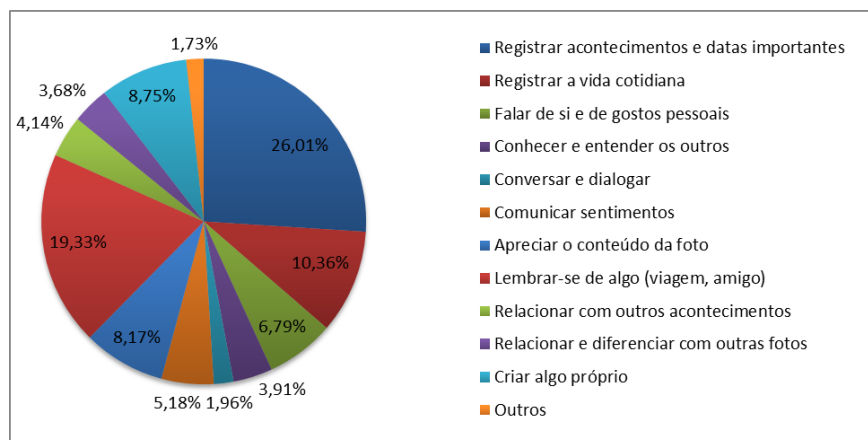


Fig. 2.1 Fins da atividade fotográfica para estudantes da RME

Dentre as razões mais assinaladas pelos noventa e três por cento (93,85%) de estudantes que responderam à pergunta sobre os fins da atividade fotográfica, a mais recorrente é a de registrar acontecimentos e datas importantes, de lembrar-se de algo, de registrar a vida cotidiana, de criar algo próprio, de apreciar o conteúdo de uma foto, e de falar de si e de seus gostos pessoais. A categoria mais indicada, a de lembrar datas importantes, reitera a fotografia digital como a mídia mais usada com frequência de uma vez por semana pelos estudantes, estando o desempenho da atividade fotográfica digital potencialmente associado aos momentos tidos como de lazer ou fora do comum.

Entrelaçando estes dados com o levantamento bibliográfico anterior, considera-se que a fotografia é destacada por seu caráter de registro e de memória, evidenciados pelos três fins mais recorrentes entre os estudantes, principalmente para registros de eventos especiais, mas abrangendo a função mnemônica para o cotidiano também. Em segundo lugar aparecem funções de expressão pessoal, como criar algo próprio e falar de si e de seus gostos pessoais, reiterando a importância dada pelos jovens à imagem para expressar uma vivência e falar de si; e aparece em quarto lugar uma função relacionada à experiência estética e semiótica de apreciação das fotografias, mais próxima da abordagem de imagens-atos que abrangem recepção e contemplação (DUBOIS, 1994, p. 15).

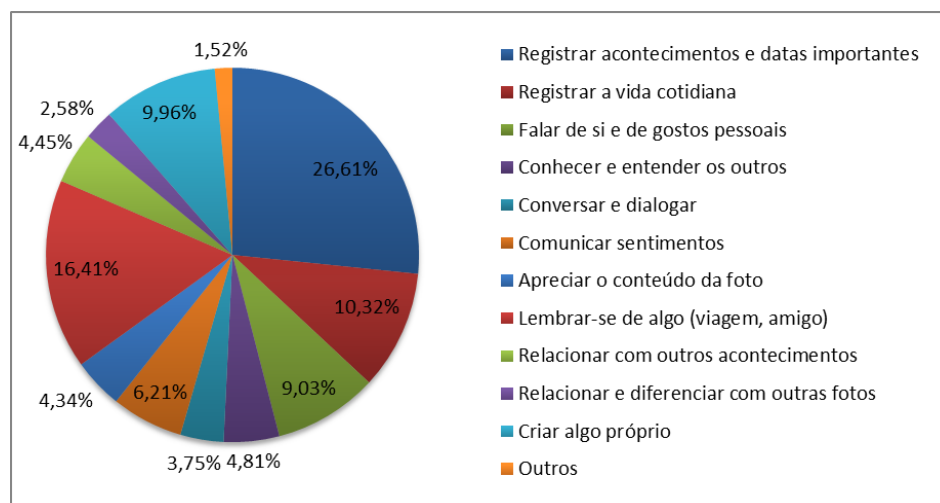


Fig. 2.2 Fins da atividade videográfica para estudantes da RME

Dentre os fins mais recorrentes para os noventa e dois por cento (92,23%) dos estudantes que assinalaram uma das alternativas listadas sobre as finalidades do vídeo para eles, destaca-se o uso do vídeo para registrar acontecimentos e datas importantes, em segundo lugar de lembrar-se de algo, de registrar a vida cotidiana, de criar algo próprio, falar de si e de seus gostos pessoais, e comunicar sentimentos. Considera-se, desta maneira, que os estudantes apontam funções predominantemente mnemônicas de registro para memória para o vídeo, assim como o fazem para a fotografia. Contudo, no vídeo há menor identificação de registro cotidiano e mais ênfase no caráter de expressão pessoal, com maior relação da atividade videográfica com a criação e a comunicação pessoal, o que reitera novamente a acepção do vídeo como contínuo narrativo dotado de sequencialidade, de dinamicidade (SANTAELLA, 2005, p. 55), um mundo midiático colorido, sonoro, dinâmico e textual (VEEN & VRAKING, 2009, p. 53-54) aberto à intervenção e invenção. A gramática do vídeo não é a mesma que a das mensagens verbais, pois a imagem do vídeo, fluida, ruidosa, escorregadia e infinitamente manipulável, não autoriza um tratamento em nível de mera referencialidade, em nível do registro documental puro e simples (MACHADO, 1993. p. 12-7); estando aberta a inúmeras interferências narrativas e de pós-produção, o vídeo sai da esfera do registro para ser marcado pela ficção.

Os resultados apontam para a fotografia como ainda majoritariamente vinculada ao caráter documental de registro e memória, enquanto o vídeo tende a

ser visto com mais abertura para as possibilidades narrativas pessoais que pode proporcionar, potencialmente devido ao seu caráter dinâmico, do movimento, e da possível relação feita pelos jovens do vídeo com o cinema, arte em grande parte voltada para a ficção, enquanto o contato que estabelecem com as fotografias é, na maioria das vezes, voltado ao caráter de registro de acontecimentos e retratos. Questiona-se, deste modo, se estes usos abrem espaços de *visibilidades* como exercício reflexivo através do olhar (OLIVEIRA, 2009, p. 127) ou se a omissão destas práticas fotográficas e videográficas dentro do ambiente escolar acarreta um enquadramento meramente reprodutivo da imagem, bem como diminui a fotografia a uma execução de técnica ou, de forma mais geral, ao uso da tecnologia como fim, em si. Esta indagação leva em consideração as potências criativas e reflexivas do olhar fotográfico e do exercício pedagógico.

Armazenamento e compartilhamento das fotografias e dos vídeos

Buscando entender como os estudantes participantes armazenam e compartilham as fotos que tiram com seus celulares, quarenta e sete por cento (47,25%) identificaram algum tipo de armazenamento e compartilhamento das fotografias tiradas com o celular dentro da escola, apontando não somente para a produção das fotografias, mas que estas têm pertinência nos processos de comunicação em que participam, para a construção de sua autonomia e identidade (Habermas, 1999, apud GOERGEN, 2005).

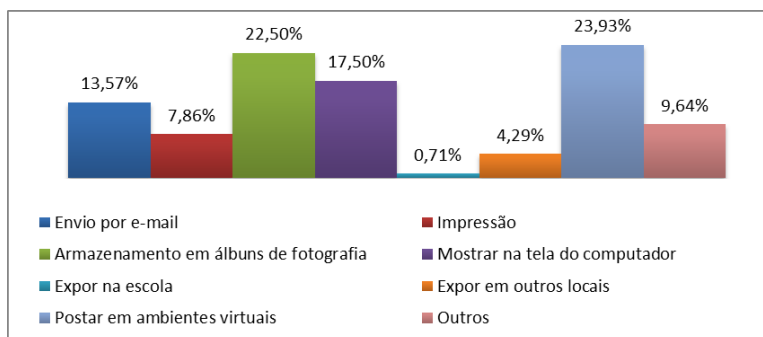


Fig. 3.1 Modo de armazenamento e compartilhamento das fotografias tiradas com celular dentro da escola por estudantes da RME

Dentre os modos de armazenamento e compartilhamento mais recorrentes entre os estudantes figura o compartilhamento por envio a ambientes virtuais, seguido do armazenamento em álbuns de fotografia, da exposição pela tela do computador, do envio por e-mail e de outros modos de compartilhamento e armazenamento (figura 3.1).

Das respostas citadas na categoria “outros” (9,64%), quase metade elencou a rede social *Orkut* (47,62%), seguido da rede social *Facebook* (19,05%); do *MSN* e da edição e/ou armazenamento no computador (9,52%); seguidos do *Twitter*, de *blog* e do armazenamento no próprio celular (4,76%). Destaca-se, deste modo, que duas redes sociais e um site de *chat* foram os três modos de armazenamento e compartilhamento mais apontados como “outros”, podendo, contudo, ter relação direta com a categoria de “ambientes virtuais” mais recorrentes.

Dos estudantes que identificaram um modo virtual de armazenamento e compartilhamento de fotografias (61,81%), citaram a rede social *Orkut*, seguido da rede social *Facebook*, de outros sites de compartilhamento, de usar um site pessoal e de utilizar um blog. Dos outros sites de compartilhamento virtuais utilizados para as fotografias tiradas com celular dentro da escola (12,15%), quase a metade referiu-se ao *MSN* (43,75%), seguido do *Twitter* (25%) e do *Twitpic* (12,5%). É possível notar a ampla gama de sites utilizados pelos estudantes para o compartilhamento de fotografias, atentando para a predominância de redes sociais e sites de relacionamentos citados.

Conforme verificado nas análises de dados, 41% dos professores afirmam não permitir o compartilhamento das fotografias tiradas dentro da escola por seus estudantes. Contudo, 33% dos professores afirmam permitir o compartilhamento destas fotografias no *Orkut*, 25% no *Facebook*, e 16% em blog e em outros, onde houve referência a uma sala informatizada (1). As categorias *Fotolog*, *Ambiente virtual de aprendizagem*, *Site pessoal* não aparecem como resposta. Considera-se, desta maneira, que os modos de compartilhamento mais utilizados pelos estudantes também são os mais autorizados pelos professores, apesar de que a prática de armazenar e compartilhar as fotografias que tiram dentro da escola com seus celulares é muito mais recorrente entre os estudantes, segundo eles

mesmos. Verifica-se que as redes sociais são as mais usadas pelos estudantes para compartilhar suas fotografias; são elas também as mais citadas como autorizadas pelos professores, sendo a categoria de ambientes virtuais a mais recorrente, reforçando o uso destes espaços virtuais como possibilidades reais de viver sua identidade, para contar, e também muito para contar-se, em *homepages* e dos blogs em multiplicação (GALLIAND, 2005, p. 229).

Da totalidade de estudantes, quase a metade afirma fazer uso de algum programa de edição de imagens (45,63%), mas menos estudantes afirmaram fazer uso de algum programa de criação e edição de vídeos (23,62%). Considera-se, deste modo, que os estudantes participantes recorrem bem menos a programas de edição de vídeos do que a programas de edição de fotografias, tendo maior familiaridade com estes últimos. Tal levantamento dialoga (se não contradiz) com a percepção do vídeo como de maior abertura para as possibilidades narrativas pessoais, citado anteriormente. Uma pesquisa mais detalhada seria necessária para compreender se a edição de fotografias aponta que os estudantes estão cientes da interferência e potência criativa e plástica da imagem fotografada, mas não do vídeo, ou se a menor edição de vídeo é decorrente de outros fatores, como disponibilidade e conhecimento de softwares de edição de vídeo (17 programas de edição de fotografia foram elencados pelos estudantes, enquanto apenas 7 para a edição de vídeo), entre outros.

Considerações

As análises apresentam que a atividade fotográfica dentro da escola não é comum a todos os estudantes que possuem celulares, e os estudantes têm menos acesso aos recursos de vídeo, por eles muito menos usados. Um quarto dos professores aponta que os estudantes fotografam a si mesmos e com seus colegas, confirmando os objetos de interesse afirmados pelos estudantes da amostra, que apontam majoritariamente para uma prática fotográfica voltada à categoria de registro mnemônico e de imagens-atos de autoria. Estas fotografias focam o retrato, que evidencia os potenciais da fotografia como registro de

memória do indivíduo e de perpetuação de sua imagem, registro do mundo e do retrato coletivo. As fotografias tiradas com os celulares por estudantes da RME são consideradas como potentes imagens-atos, de sujeitos em processo cujo gesto criativo revela intenções, confissões, confrontos e estranhamentos, permeando-as de autoria.

Avalia-se, deste modo, que os fins da atividade fotográfica mais recorrente entre os estudantes evidenciam seu uso para registros de eventos especiais, mas também abrangem a função mnemônica para o cotidiano. As funções secundárias de expressão pessoal, como criar algo próprio e falar de si e de seus gostos, reiteram, contudo, a importância dada pelos jovens à imagem, para expressar uma vivência e falar de si. A função relacionada à experiência estética e semiótica de apreciação das fotografias, numa abordagem de imagens-atos que abrangem recepção e contemplação é muito menos recorrente. O vídeo é apontado pelos estudantes com mais abertura para as possibilidades narrativas pessoais que proporciona, possivelmente por seus atributos de dinamicidade e de relação feita com o cinema, arte voltada para a ficção, enquanto o contato que estabelecem com as fotografias é, na maioria das vezes, voltado ao caráter de registro de acontecimentos e retratos tendo, contudo, domínio de recursos de edição que permitem interferir nas imagens. Os estudantes da amostra prezam pela produção visual, escrevendo com a câmera do celular, explorando o mundo, a si e à própria fotografia.

Uma ampla gama de sites é usada pelos estudantes para o compartilhamento de fotografias, com predominância de sites de relacionamentos, em primeiro lugar o Orkut, seguido do Facebook. As redes sociais são, portanto, as mais usadas pelos estudantes para compartilhar suas fotografias e as mais citadas como autorizadas pelos professores. A categoria de ambientes virtuais é, desta maneira, a mais citada, reforçando o uso destes espaços virtuais como possibilidades de os jovens viverem suas identidades, para contar e para contar-se. Quase metade dos estudantes da amostra sabe utilizar algum programa de edição de imagens e é frequente seu uso para editar as próprias fotografias. Estes resultados reiteram a familiaridade significativa com as ferramentas de edição de

fotografias pelos estudantes das três escolas, acrescida pela quantidade de programas conhecidos. Os estudantes participantes recorrem bem menos a programas de edição de vídeos do que de fotografias, mas os três programas mais citados para o vídeo são específicos para edição de vídeos, mostrando o interesse destes estudantes em ferramentas multi-midiáticas.

A abertura dos professores para as novas tecnologias verificada ao longo da pesquisa ressalta o uso potencial do celular como ferramenta didática, malgrado as críticas, percebendo o momento atual como de mudanças profundas nas vivências contemporâneas mediadas pelas imagens. Para a maioria dos professores da amostra, os sujeitos da cena educativa são produtores de visualidades e visibilidades que significam seu *registro* e *legado*, sua inscrição no entorno e sua participação na memória e construção coletiva. O celular, com seus recursos de fotografia e de vídeo, podem ser profícuos no ensino, contanto um planejamento devidamente fundamentado, com objetivos pedagógicos elaborados e pertinentes, motivadores tanto para os professores quanto para os estudantes. Entretanto, pelas medidas proibitivas do uso do celular e as ameaças que pairam sobre a autoridade docente e docilidade discente, a realidade é inversa, como afirma um dos professores participantes deste estudo, segundo o qual o celular “é uma ferramenta que no momento está sendo vista pelas escolas apenas como um problema”.

Referências:

ALLAIN, S. *Fotografias produzidas com celulares nas escolas: retrato de um novo ensino?* Uma pesquisa na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Florianópolis, SC, 2012. 204f. Dissertação (mestrado em Artes Visuais). Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC.

BIAZUS, P. O. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 301-306, jan./jun. 2006

COSTA, A. B.; MAUTONE, G. *As imagens e as coisas: fotografia e produção de conhecimento*. In: Psicologia e Fotografia: Experiências em intervenções fotográficas. TITTONI, Jaqueline (org.). Porto Alegre: Dom Quixote, 2009.

DIEHL, R., MARASCHIN, C. *Fotografar em um serviço de saúde mental: espaço e política de visibilidade*. In: Psicologia e Fotografia: Experiências em intervenções fotográficas. TITTONI, Jaqueline (org.). Porto Alegre: Dom Quixote, 2009

- DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1994
- FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. *Crianças na era digital*: desafios da comunicação e da educação. In: REU, Sorocaba. V.36, n.1, p. 89-104, jun2010
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996 (Coleção Leitura)
- FREUND, G. *La fotografía como documento social*. Colección Punto y Línea. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1976
- GALLIAND, E. *As novas técnicas de informação e de comunicação e o universo do escrito*. In: A comunicação na aldeia global: cidadãos do planeta face à explosão dos meios de comunicação/ prefácio de Armand Mattelart. Vários Organizadores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, pp.221-232
- GOERGEN, P. *Pós-modernidade, ética e educação* – 2. Ed. Revista – Campinas. SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; 79)
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*: 2008. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- KOSSOY, B. *Fotografia & História*. 2 ed. São Paulo : Ateliê Editorial, 2001
- MACHADO, A. *O vídeo e sua linguagem*. Dossiê Palavra/Imagem. Revista USP. USP: São Paulo. V.16. Dezembro, Janeiro, Fevereiro 1992-1993
- MARTINS, R.; TOURINHO, I. *Culturas da infância e da imagem “aconteceu um fato grave, um incidente global”*. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). *Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2010. pp 37-56
- OLIVEIRA, R. G. *Entre formações e in(ter)venções fotográficas* – produções na assistência jurídica universitária. In: *Psicologia e Fotografia: Experiências em intervenções fotográficas*. TITTONI, Jaqueline (org.). Porto Alegre: Dom Quixote, 2009
- SANTAELLA, L. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* - São Paulo: Paulus, 2005. – (Coleção Questões fundamentais da comunicação; 5/ coordenação Valdir José de Castro).
- SOULAGES, F. *Estética da fotografia*: perda e permanência. - Trad. Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. - São Paulo: Senac São Paulo, 2010
- VEEN, W.; VRAKKING, B. *Homo Zappiens*: educando na era digital. Tradução Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009. 141 p.